

O DIREITO À INDIGNAÇÃO

Abro o jornal de Domingo 17 de Novembro e duas notícias saltam-me à vista:

1ª. Toulon - um Tribunal de primeira instância condenou dois músicos de RAP a três meses de cadeia e à proibição de actuarem durante seis meses.

A acusação foi feita por vinte e seis polícias que "se sentiram ultrajados" porque uma música do Grupo NTM (Nique Ta Mère) - literalmente, "fode a tua mãe" - que apresentava a corporação como "verdadeiro bando organizado e hierarquizado" de "retardados mentais". Como sublinhou Henri Leclerc, Presidente da Liga dos Direitos do Homem, no Tribunal "o que se jogou foi o retorno a uma ordem moral".

2ª. Nápoles - 18 conselheiros municipais da totalidade do espectro político italiano (desde da Aliança Nacional à Refundação Comunista passando pelos Ecologistas e Liberais) aprovaram uma moção contra a exibição de "Crash" de David Cronenberg adaptação de um romance de Ballard. Acompanhando tal moção a Procuradoria da cidade exigiu o visionamento do filme para verificar a necessidade de o censurar. Renato Nicolini em "Il Manifesto" definiu tudo isto como "testemunho de uma brutal censura".

Miguel Portas no "JÁ" de 21 de Novembro foi mais longe:

"a censura é sempre o "braço armado" da ordem moral" "e mais à frente "porque é evidente a "crise moral" da nossa civilização e maior ainda o desgoverno das nossas cabeças. Ou simplesmente porque é evidente a nossa "crise de civilização", a justiça não lhe é imune e pesa mais sobre as nossas cabeças o "valor do seguro" do passado do que a descoberta do futuro".

Tudo isto me fez lembrar pessoas que conheci. Umas ainda andam por aí, à descoberta do tal futuro, outras ... desistiram. Outras morreram.

Especialmente para estas últimas aqui fica o poema de W. H. Auden citado no filme "4 casamentos e um funeral" de Mike Newell:

"Funeral Blues"

Parem todos os relógios, desliguem o telefone,

Não deixem o cão ladrar aos ossos suculentos,

Silenciem os pianos e com os tambores em surdina

Tragam o féretro, deixem vir o cortejo fúnebre.

Que os aviões voem sobre nós lamentando,

Escrevinhando no céu a mensagem: Ele está Morto,

Ponham laços de crepe em volta dos pescoços das pombas da cidade,

Que os polícias de trânsito usem luvas pretas de algodão.

Ele era o meu Norte, o meu Sul, o meu Este e Oeste

A minha semana de trabalho, o meu descanso de Domingo,

O meio-dia, a minha meia-noite, a minha conversa, a minha canção;

Pensei que o amor ia durar para sempre: enganei-me.

Agora as estrelas não são necessárias: apaguem-nas todas,

Emalem a lua e desmantelem o Sol;

Despejem o oceano e varram o bosque;

Pois agora tudo é inútil.

Paulo Teixeira de Sousa